

AS MELHORES
PARÁBOLAS
DE JESUS

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *As Melhores Parábolas de Jesus*
Seleção, textos e comentários: Rita Carvalho
Revisão: Paulina Amaral
Paginação: Maria João Gomes
Capa: João Faustino/Alma dos Livros
Imagem de capa: Lightstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal: 461235/19
1.ª edição: novembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Um

O BOM SAMARITANO

Lucas 10, 29-37

«Mas o doutor da Lei, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Então, Jesus respondeu:

“Ia um homem a descer de Jerusalém para Jericó. Caíram sobre ele uns ladrões, que lhe roubaram roupa e tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por casualidade, descia um sacerdote por aquele caminho. Quando viu o homem, afastou-se para o outro lado. Também por lá passou igualmente um levita que, ao vê-lo, se afastou também.

Entretanto, um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e ao vê-lo teve pena. Aproximou-se, tratou-lhe dos ferimentos com azeite e vinho e pôs-lhe ligaduras. Depois, colocou-o em cima do seu jumento, levou-o para uma pensão e tratou dele. No outro dia, deu duas moedas de prata ao dono da pensão e disse-lhe: ‘Cuida deste homem, e quando eu voltar pago-te tudo o que gastares a mais com ele.’”

Jesus perguntou então ao doutor da Lei: “Qual dos três te parece que foi o próximo do homem assaltado

pelos ladrões?» E ele respondeu: “O que foi bom para ele.” Jesus concluiu: “Então vai e faz o mesmo.”»

Uma estrada. Dinheiro fácil.

Jesus pregava os Seus ensinamentos à multidão, explicando a quem O escutava que para alcançar a vida eterna tinha de estar disposto a servir o próximo. Foi então surpreendido pela pergunta de um sábio religioso que o quis pôr à prova: «E quem é o meu próximo?» Em vez de oferecer uma resposta fechada, Jesus contou a seguinte parábola:

Uma estrada ligava Jerusalém a Jericó, aproximando a cidade do templo – onde pregavam os religiosos daquela cidade –, morada de inverno do rei Herodes. Por este caminho, passavam muitos viajantes, de comerciantes, peregrinos a homens de Deus, sendo, por isso, um local de atração para bandidos e ladrões que espreitavam uma oportunidade para conseguir dinheiro fácil. Um homem viu-se apanhado nesta teia e, depois de furtado e espancado, foi lançado à berma da estrada, quase morto.

Um sacerdote que percorria o mesmo caminho viu-o deitado, sofrendo profundamente. Olhou-o e passou ao lado, recusando-se a pôr em prática os ensinamentos que lia nas Escrituras no templo. Também um levita, homem ligado à prática religiosa, lhe negou ajuda, seguindo caminho sem lhe prestar assistência.

Passou depois um viajante, um homem da Samaria, e teve compaixão do moribundo. Abeirou-se dele, tratou-lhe das feridas com todo o cuidado e transportou-o

para uma pensão, onde passou a noite a cuidar dele. No dia seguinte, teve de seguir viagem, não sem antes se assegurar de que deixava o moribundo em boas mãos. Tirou duas moedas da bolsa e entregou-as ao dono da pensão, pedindo-lhe que cuidasse dele até que ficasse bom. Prontificou-se ainda a pagar as despesas adicionais que fossem necessárias para acudir ao pobre homem na viagem de regresso. Um gesto de pura generosidade e compaixão, capaz de salvar aquela vida.

Terminada a história, Jesus devolveu a pergunta ao sábio: Quem te parece que foi o «próximo» daquele que foi atacado pelos salteadores? A resposta certa — o que acudiu ao pobre homem sofrido — deu nota de que o ensinamento tinha sido compreendido e acolhido. «Então vai e faz o mesmo», disse Jesus.

As personagens narradas por Jesus nesta parábola não são escolhidas ao acaso. Quando lhe perguntam o que deve um Homem fazer para ganhar o Céu, Jesus responde que deve servir o próximo. E à pergunta «E quem é o meu próximo?» conta uma história, contrariando os que falam de amor, mas que não o praticam. Jesus recusa tipificar este próximo, descrevê-lo ou encaixá-lo numa categoria, porque, mais do que um sujeito, o próximo implica um modo de agir, um movimento da minha parte em relação a outro: aproximar-me.

O próximo és tu, o outro, o que está longe e se faz perto. Nesta história, é o homem simples que

tem o coração grande, capaz de amar e fazer o que agrada a Deus. «Vai e faz o mesmo» é o desafio deixado por Jesus. Serei eu capaz de reconhecer como próximo aquele que cruza o meu caminho?

Dois

OS TRABALHADORES DA VINHA

Mateus 20, 1-16

«Jesus apresentou esta comparação: “O Reino dos Céus é semelhante a um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com eles a paga de uma moeda de prata por dia, mandou-os para a vinha.

Às nove horas da manhã saiu novamente, viu outros trabalhadores que estavam na praça sem fazer nada e disse-lhes: ‘Vão também trabalhar na minha vinha que eu vos darei o que for justo.’ E eles foram. Voltou a sair ao meio-dia e às três horas da tarde e fez o mesmo.

Saiu ainda mais uma vez por volta das cinco da tarde e encontrou na praça mais alguns homens desocupados e perguntou-lhes: ‘Porque é que vocês estão aí todo o dia sem fazer nada?’ Eles responderam: ‘É que ninguém nos contratou.’ Então o proprietário disse-lhes: ‘Vão também para a minha vinha.’

Ao cair da noite, o proprietário disse ao feitor: ‘Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos que eu contratei e acabando nos primeiros.’

Vieram os homens que começaram o trabalho por volta das cinco da tarde e receberam uma moeda de prata cada um. Quando chegou a vez dos primeiros contratados, julgavam eles que haviam de receber mais. Mas receberam também uma moeda de prata cada um.

Ao receberem o dinheiro, começaram a resmungar contra o proprietário e a dizer: ‘Estes foram os últimos a chegar e só trabalharam uma hora e paga-lhes tanto como a nós, que aguentámos o dia inteiro a trabalhar debaixo do Sol!’

Então o proprietário dirigiu-se a um deles e disse: ‘Olha, amigo, não estou a ser injusto contigo. O salário que combinámos não foi uma moeda de prata? Toma lá o que é teu e vai-te embora, pois eu quero dar a este último tanto quanto a ti. Não tenho eu o direito de fazer o que quero com o que é meu? Porque é que tu vês o mal no meu bom procedimento?’

Jesus concluiu: “Os últimos virão a ser os primeiros, e os primeiros, os últimos.”»

O costume da época era pagar aos jornaleiros o salário ao fim de um dia de trabalho. Deste modo, logo pela manhã, cada proprietário passava no centro da aldeia e contratava trabalhadores para o seu terreno. Assim fez o dono de uma vinha, cuja história Jesus contou para ilustrar a lógica do Reino dos Céus.

O proprietário saiu de madrugada e levou consigo os homens que estavam na praça e aceitaram o pagamento de uma moeda de prata por um dia de trabalho. Horas mais tarde, passou novamente pela praça e fez o

mesmo, repetindo a diligência ao meio-dia e às três da tarde, contratando os homens que estavam reunidos, sem nada para fazer.

Às cinco da tarde, fez a derradeira volta, encontrando ainda alguns desocupados. Com todos os trabalhadores que foi contratando, de manhã cedo à tarde, acertou o mesmo pagamento: uma moeda de prata.

Os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos. Foi este o critério aplicado pelo dono da vinha aos trabalhadores na hora de pagar. Aos que haviam começado a trabalhar mais tarde foi-lhes retribuído o valor acordado. Depois, o dono pagou aos que haviam começado às três da tarde e assim por diante, do mais recente ao mais antigo.

Este modo de proceder desencadeou a desordem e a incompreensão nos trabalhadores, pois os que tinham trabalhado o dia todo revoltaram-se contra o que lhes foi pago, considerando-se merecedores de um salário superior ao dos que haviam trabalhado apenas uma hora. Afinal de contas, o seu esforço tinha sido bem maior.

Perante os insurgentes, o dono da vinha quis justificar-se, lembrando a todos que era senhor da sua terra e estava, por isso, no direito de dividir os seus bens como quisesse. Recordou-lhes ainda de que uma moeda de prata fora o salário combinado, pelo que em nada saíam prejudicados. Pagando-lhes o que lhes era devido, mandou-os embora e rematou, dizendo: muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.

Deus é como o dono da vinha que manda um capataz chamar todos para o Seu terreno, para o caminho da salvação. Todavia, alcançá-la não é uma recompensa do nosso trabalho, é algo que nos é dado de graça, a todos, por igual. E Deus dá sempre pela medida maior: mesmo aos que trabalharam menos, aos que estiveram menos tempo na Sua vinha, pagou-lhes o que considerou ser um valor digno.

A justiça de Deus difere muito da que nos habituámos a praticar e a ver praticar à nossa volta. Na sociedade, os mais produtivos, capazes ou competentes, merecem mais, devem ser destacados e elevados à frente dos outros; enquanto os mais fracos ficam em segundo plano. Uma lógica que já vingava no tempo de Jesus e que se tem tornado implacável nos nossos dias, tendendo a apoderar-se dos nossos corações. Quantos excluídos suscita esta maneira de pensar? Que faço eu para contrariar esta cultura do descartável, como denuncia o Papa Francisco?

Deus não procede desta forma. Deus não nos vê assim. A Sua justiça é misericordiosa, deseja o melhor para cada um e dá a cada um segundo as suas necessidades. Por isso, Jesus impacienta-Se com os que não sabem aceitar o bem dos outros. Em vez de se alegrarem por terem passado mais tempo na vinha do seu Senhor, sentem-se merecedores de um tratamento especial, quando, na prática, em nada foram prejudicados por outros terem recebido o mesmo.

Também é assim nos nossos dias, nas nossas comunidades eclesiais. Sentimo-nos especiais, confortados

porque Deus nos dá uma vida boa, como se se tratasse de uma recompensa pelas nossas boas ações, enquanto outros têm uma vida miserável. Não será essa também uma forma de gerar exclusão? E somos capazes de nos alegrar com o sucesso dos outros, de partilhar as suas alegrias como se fossem nossas?

Três

A MOEDA PERDIDA

Lucas 15, 8-10

«Suponham também que uma mulher tem dez moedas de prata e perde uma delas. Que é que ela faz? Acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até a encontrar. Quando a encontra, diz às amigas e vizinhas: “Alegrem-se comigo, porque já encontrei a moeda perdida.” Da mesma maneira vos digo que há alegria entre os anjos de Deus cada vez que um pecador se arrepende dos seus pecados.»

Era uma mulher pobre, para quem uma dracma (moeda de prata) tinha imenso valor. E Jesus serviu-se dela para explicar a importância de cada homem junto de Deus, por mais insignificante que este se considere ou seja considerado pelos outros. Neste caso, esta moeda seria o equivalente a um dia inteiro de trabalho. Por isso, apesar de ter na sua posse dez dracmas, quando deu por falta de uma, esta mulher fez de tudo para a encontrar. Acendeu uma candeia, revirou a casa, procurando-a incessantemente.

Quando a encontrou, rejubilou de alegria e não festejou sozinha, chamou os vizinhos e amigos para se alegrarem com ela. Assim é Deus connosco: procura-nos, inquieta-Se com a nossa ausência e só descansa quando voltamos para Ele. Mesmo que todos os outros estejam junto d'Ele, basta que um, que estava longe, se reaproxime para a Sua alegria ser imensa.

Para Deus, cada homem é único e especial. E se, para esta mulher humilde, a perda de uma moeda suscita a procura diligente, que fará Deus quando um dos Seus se perde? Todos nos desorientamos e perdemos o rumo. Afastamo-nos de Deus quando fazemos o que é errado e o que nos destrói, todas as vezes que recusamos o amor e seguimos apenas a nossa vontade. Contudo, Deus não nos abandona nem se cansa de nos procurar. Tem sede de nós, como diz o poeta e cardeal José Tolentino Mendonça. Onde está o amor, está Deus. Reconhecemos o mesmo na nossa vida? Temos consciência de que, ao vivermos centrados somente nos nossos desejos e circuitos fechados, passamos ao lado deste Deus-Amor?